



A VULNERABILIDADE DIGITAL DA PESSOA IDOSA NA CONTEMPORANEIDADE: UMA ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL DA INCLUSÃO NO MUNDO CONECTADO

DIGITAL VULNERABILITY AMONG OLDER ADULTS IN CONTEMPORARY SOCIETY: A MULTIDIMENSIONAL ANALYSIS OF INCLUSION IN A CONNECTED WORLD

Cárita Maia Rodrigues Alves

<https://orcid.org/0009-0005-8074-8004>

Valtair Afonso Miranda

<https://orcid.org/0000-0003-4556-2253>

Rosalee Santos Crespo Istoe

<https://orcid.org/0000-0001-8959-9280>

Carlos Henrique Medeiros de Souza

<https://orcid.org/0000-0002-3774-0323>

Resumo: O crescimento simultâneo do envelhecimento populacional e da digitalização da vida cotidiana ampliou a inserção da pessoa idosa em ambientes conectados, favorecendo comunicação, acesso à informação e participação social. Contudo, a inclusão digital não equivale automaticamente à proteção ou à participação qualificada nesses espaços. Este estudo, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, analisa vulnerabilidades associadas à exposição digital da pessoa idosa, com foco em dimensões informacionais, relacionais, comportamentais e patrimoniais. A partir de revisão bibliográfica interdisciplinar, discutem-se desafios relacionados à desordem informacional, golpes virtuais, isolamento paradoxal e repercussões do uso excessivo de tecnologias. Os achados indicam que a vulnerabilidade digital da pessoa idosa não decorre exclusivamente da idade cronológica, mas da interação entre desigualdades estruturais, letramento digital insuficiente e ausência de suporte institucional proporcional às demandas desse grupo. Conclui-se que políticas de inclusão digital devem ultrapassar a ampliação do acesso técnico, incorporando estratégias educativas, protetivas e intersetoriais que promovam autonomia e segurança.

Palavras-chave: vulnerabilidades digitais, letramento digital, desinformação, golpes online, envelhecimento.

Abstract: The simultaneous growth of population aging and the digitalization of everyday life has expanded the participation of older adults in connected environments, fostering communication, access to information, and social participation. However, digital inclusion does not automatically translate into protection or meaningful

¹Mestranda pelo Curso de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, carita.alves@fbpn-campos.com.br;

²Bacharel em Fisioterapia pela Faculdade Redentor de Itaperuna, felipehidro@gmail.com;

³Doutorado em Saúde da Criança e da Mulher pela Fundação Oswaldo Cruz/RJ, rosaleeistoe@gmail.com;

⁴Pós-doutorado em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro UENF, valtairmiranda@gmail.com;

⁵Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ, chmsouza@gmail.com;

participation in these spaces. This qualitative, exploratory study analyzes vulnerabilities associated with the digital exposure of older adults, focusing on informational, relational, behavioral, and financial dimensions. Based on an interdisciplinary literature review, the study discusses challenges related to information disorder, virtual fraud, paradoxical isolation, and the consequences of excessive technology use. The findings indicate that digital vulnerability among older adults does not stem exclusively from chronological age, but rather from the interaction between structural inequalities, insufficient digital literacy, and the lack of institutional support proportional to the specific demands of this population. It is concluded that digital inclusion policies must go beyond expanding technical access, incorporating educational, protective, and intersectoral strategies that promote autonomy and safety.

Keywords: digital vulnerabilities, digital literacy, misinformation, online scams, aging.

1. INTRODUÇÃO

Dois processos operam simultaneamente: o aumento da expectativa de vida com consequente crescimento da parcela da população de longevos e a incorporação do universo digital nos trâmites cotidianos e relacionamentos. Esses processos se correlacionam ao tratarmos da inserção de idosos no ambiente virtual e redes sociais. Embora essa população ainda apresente menor participação digital em comparação com grupos etários mais jovens, mais de 50% dos idosos eram usuários de internet no Brasil em 2024 (CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO, 2025).

A Organização Mundial de Saúde aborda, em documento publicado em 2002, a ideia de “envelhecimento ativo”. O termo “ativo” não trata de movimento físico, mas sim da participação e presença do idoso nas dinâmicas da sociedade. Existe correlação direta entre qualidade de vida e manutenção de autonomia e independência, e as necessidades desse grupo são individualizadas à medida que se percebe que o envelhecimento não é um processo homogêneo. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2002).

Sob a ótica meramente orgânica, o percurso do envelhecimento segue um curso natural de maior propensão a certas fragilidades frequentes nessa etapa da vida: alterações na visão, audição e cognição, composição muscular e motricidade, maior incidência de doenças crônicas e maior risco de multimorbidade (isto é, coexistência de várias doenças crônicas no mesmo sujeito). Mas, para além de aspectos físicos e cognitivos, tratar de funcionalidade envolve discussão sobre a interação do sujeito com o meio em que vive, considerando questões relacionais, socioeconômicas, políticas, diferenças de gênero, disparidades raciais e culturais. Inclusive, tais experiências podem alterar a percepção do indivíduo quanto às alterações orgânicas que vive com o passar do tempo. Apesar do amplo reconhecimento da teia de vulnerabilidades que se interseccionam neste grupo etário, historicamente, oportunidades de aprendizagem concentraram-se em primeiras décadas da vida, o que reforça a necessidade de políticas públicas que ampliem possibilidades de capacitação e aquisição de novas competências ao longo do envelhecimento. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2015).

A inserção da pessoa idosa em ambientes digitais pode ampliar oportunidades de participação, comunicação e acesso à informação. Contudo, a navegação em ecossistemas digitais exige habilidades específicas de letramento e discernimento informacional. Evidências recentes apontam que a suscetibilidade de idosos à desinformação online

resulta da interação entre fatores cognitivos, lacunas em letramento digital e influências psicossociais (HU; JIN; ZHANG, 2026).

Esse artigo tem por objetivo a análise dos riscos e vulnerabilidades às quais esse grupo está exposto, considerando seus aspectos multidimensionais e consequências emocionais, informacionais e econômicas que podem advir, impactando negativamente o processo de envelhecimento por ameaça à segurança, autonomia e participação social.

2. METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e fundamentada em revisão bibliográfica narrativa, com o objetivo de discutir vulnerabilidades associadas à inserção da pessoa idosa em ambientes digitais contemporâneos. A escolha por esse delineamento justifica-se pela necessidade de integrar diferentes perspectivas teóricas e analíticas acerca do envelhecimento, inclusão digital, letramento informacional e riscos decorrentes da exposição às tecnologias digitais, permitindo uma compreensão ampliada e multidimensional do fenômeno investigado.

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de consulta a artigos científicos, documentos institucionais e publicações de organismos nacionais e internacionais relevantes para a temática, incluindo materiais da Organização Mundial da Saúde (OMS), UNESCO e estudos disponíveis nas bases acadêmicas Scielo e Google Acadêmico. Foram priorizadas produções que abordassem conceitos relacionados ao envelhecimento ativo, letramento digital, desinformação, exclusão digital, impactos psicossociais do uso de tecnologias e vulnerabilidades econômicas associadas ao ambiente virtual.

A análise do material selecionado ocorreu de forma interpretativa e crítica, buscando identificar convergências conceituais e evidências que subsidiassem a discussão proposta. Não se pretendeu realizar mensuração estatística ou revisão sistemática exaustiva da literatura, mas sim construir uma reflexão teórica fundamentada, capaz de articular diferentes dimensões da vulnerabilidade digital da pessoa idosa e suas possíveis repercussões sobre autonomia, segurança, participação social e qualidade de vida.

3. LETRAMENTO DIGITAL E A DISTÂNCIA ENTRE AS GERAÇÕES

Há uma distinção importante entre alfabetização e letramento. Alfabetização é a capacitação para compreensão e escrita de símbolos, com identificação e formação de fonemas. Letramento, porém, envolve interpretação, dedução, processamento de conexões, visando comunicação eficaz, independente e adequada. (Silva et al., 2025). De forma paralela, quando tratamos do cenário digital, acessar as tecnologias digitais não é sinônimo de ocupar plenamente esse espaço. O chamado “Letramento digital”, expressão cunhada pela primeira vez por Paul Gilster em seu livro *Digital Literacy* (1997), refere-se à capacidade de fazer uso da tecnologia de forma mais ampla do que um ato meramente técnico e mecânico. Envolve a aplicação do pensamento crítico, o recrutamento de diferentes e complexas competências cognitivas como analisar, produzir e criar. Ou seja, uma participação verdadeiramente interativa nesse universo (Lankshear; Knobel, 2008).

Esse fenômeno se manifesta distintamente entre as gerações, ideia trabalhada sob o conceito de “nativos digitais” e os “imigrantes digitais”. Os nativos digitais enxergam o aparato tecnológico como parte intrínseca da vida que conhecem, não como uma novidade. Isto é, nasceram imersos nessa realidade e seu desempenho com as tecnologias é mais fluido. Os imigrantes digitais, por sua vez, conheceram uma vida pré-digital, por

isso, possuem uma perspectiva comparativa. Foram expostos a outros modelos de aprendizado, outras linguagens. O processo é plural e socialmente situado, resultado da imersão cultural e da prática cotidiana. Apesar de não ser determinante, a familiaridade tecnológica contextualiza o uso intuitivo e contínuo do mundo digital por parte de jovens, enquanto idosos tendem a precisar de mediação e adaptação para transformar o uso técnico em participação crítica e significativa (Lankshear; Knobel, 2008).

4. VULNERABILIDADE DIGITAL MULTIDIMENSIONAL

O avanço digital e sua infiltração em todos os aspectos do dia a dia trouxe certa “compulsoriedade digital”, isto é, ao estar alheio ao universo conectado, o indivíduo se vê à margem do exercício de direitos de cidadania, sendo inclinado a buscar uma adequação independentemente de sua vontade (Almeida; Lemos, 2024).

Porém, acessar o universo conectado não é o bastante, já que não se traduz necessariamente em acesso qualificado. Ou seja, parâmetros como habilidade, capacidade crítica e familiaridade alteram a apropriação do sujeito nesse ambiente, influenciando a forma com que experiencia benefícios e vulnerabilidades.

Ao discutir-se vulnerabilidade digital entre idosos, o entendimento do envelhecimento como período fortemente marcado por variáveis biopsicossociais e influenciado por vivências prévias ao longo da vida torna compreensível que certas fragilidades afetem concomitantemente mais de um âmbito da vida dos sujeitos: relacionamentos, finanças, saúde, segurança. A proporção de impactos gerados estará invariavelmente correlacionada às trajetórias individuais, não havendo um padrão homogêneo.

Ilustrativamente, pode-se imaginar um cenário em que uma pessoa idosa, progressivamente envolvida com o universo digital e atraída pela praticidade que ele oferece, passe a substituir atividades presenciais anteriormente incorporadas à sua rotina por soluções remotas. Embora essa adaptação represente conveniência, também pode reduzir oportunidades de contato social presencial e interação comunitária. Paralelamente, essa mesma pessoa pode integrar grupos digitais nos quais circulam conteúdos desinformativos, como falsas informações relacionadas a campanhas de vacinação, optando por evitar determinadas condutas preventivas e tornando-se mais suscetível ao adoecimento por enfermidades potencialmente evitáveis. Eventual agravamento clínico pode repercutir em outras esferas da vida, incluindo aumento de gastos com tratamento, comprometimento financeiro e maior dependência funcional. Trata-se de um exemplo ilustrativo de como vulnerabilidades digitais distintas podem se interconectar e produzir efeitos em cascata sobre diferentes dimensões do envelhecimento.

Outro cenário hipotético envolve uma pessoa idosa que, influenciada por conteúdos desinformativos disseminados em ambientes digitais, passe a compartilhar informações equivocadas com familiares próximos. Eventuais conflitos decorrentes dessas divergências podem comprometer vínculos afetivos previamente sólidos, com repercussões emocionais e práticas relevantes. A redução do contato com familiares que anteriormente auxiliavam na verificação de informações, resolução de demandas cotidianas ou intermediação de questões financeiras e tecnológicas pode ampliar a suscetibilidade dessa pessoa a fraudes e golpes digitais cada vez mais sofisticados, frequentemente construídos para mimetizar comunicações legítimas do cotidiano.

Tais exemplos ilustram como diferentes fragilidades podem repercutir reciprocamente entre si, produzindo efeitos em cascata sobre distintas dimensões da vida da pessoa idosa. Além de factíveis, não se trata de hipóteses ancoradas em rótulos

classicamente atribuídos ao envelhecimento; pelo contrário, constituem situações passíveis de ocorrência em outros grupos etários, havendo apenas maior propensão de determinados aspectos na população idosa. Essa compreensão demanda a análise mais específica das principais dimensões em que a vulnerabilidade digital desse grupo se manifesta.

4.1. Vulnerabilidade informacional

Dados sobre a participação de idosos nas redes sociais demonstram que eles representam um contingente expressivo dentre agentes de compartilhamentos e encaminhamentos de informações. Porém, verifica-se que acumulam percentual significativo nas estatísticas de disseminação de informações equivocadas. Por exemplo, em análise sobre compartilhamento de notícias falsas no Facebook durante o período eleitoral norte-americano em 2016, usuários com mais de 65 anos compartilharam aproximadamente sete vezes mais conteúdo desse tipo do que adultos jovens (Guess et al., 2019). Outro estudo norte-americano também buscou investigar como eleitores registrados nos Estados Unidos interagiram com notícias falsas no Twitter durante o ciclo eleitoral de 2016. Os resultados mostraram que a idade foi positivamente e significativamente associada a níveis aumentados de exposição a fontes de notícias falsas em todos os grupos políticos (esquerda, centro e direita). Além da exposição passiva, a idade também foi positivamente associada ao ato de compartilhar notícias de fontes falsas, embora o tamanho do efeito tenha sido menor do que outros fatores como a afinidade política (Grinberg et al., 2019).

Segundo Brashier e Schacter (2020), o conjunto de elementos que justifica essa predominância de suscetibilidade em indivíduos idosos envolveria alterações cognitivas comuns na idade, tendência a aumento de confiança interpessoal ao longo da vida e a falta de letramento digital.

Apesar de carecerem de traduções em língua portuguesa que os diferenciem perfeitamente, os termos "*misinformation*", "*malinformation*" e "*disinformation*", na língua inglesa, são utilizados para distinção quanto ao tipo de desordem informacional, principalmente no que tange à intencionalidade do veículo. A *misinformation* refere-se à disseminação de conteúdo falso ou impreciso sem intenção planejada de causar dano, frequentemente motivada por desconhecimento ou crença na veracidade da informação. Já a *disinformation* envolve a organização e circulação intencional de conteúdo falso com objetivo de manipular, enganar ou causar prejuízo. Por sua vez, a *malinformation* diz respeito ao uso estratégico de informações verdadeiras fora de contexto, distorcidas ou instrumentalizadas para causar dano individual ou coletivo. A *disinformation* é uma modalidade particularmente perigosa pela sua estruturação ordenada, prejudicando especialmente pessoas mais vulneráveis do ponto de vista socioeconômico, já que as informações mal-intencionadas circulam majoritariamente em plataformas de acesso gratuito, e tais grupos provavelmente enfrentariam maior limitação operacional e financeira no acesso à informação segura (UNESCO, 2018).

A lógica estrutural que justifica a facilidade de disseminação de *Fake News* em plataformas de interação coletiva, como por exemplo, grupos de *WhatsApp*, consiste na tendência dos indivíduos de atribuir crédito à informação que é trazida por pessoas próximas, consideradas "de confiança". Os grupos digitais trouxeram essa sensação de intimidade, troca e pertencimento. Além disso, certos aspectos cognitivos envolvidos na validação de informações são simplesmente comuns a todos os humanos, como, por exemplo, a propensão de acreditar em informações que corroboram crenças e opiniões prévias do indivíduo, ou a valorização de uma informação pela frequência com que ela é apresentada, entendendo-a, por consequência, como verdadeira (UNESCO, 2018).

Partindo da premissa de que a informação é elementar para assegurar compreensão e busca dos direitos, quando o acesso a esta é precário ou enviesado, a vivência de democracia e cidadania é, conseqüentemente, comprometida.

4.2. Vulnerabilidade relacional e emocional

Apesar de diversos estudos tratando de benefícios advindos da tecnologia na esfera de relacionamentos e socialização, não se pode excluir da análise alguns desfechos preocupantes advindos da vivência excessiva no ambiente virtual. Cabe aqui o esclarecimento de como serão adotados os conceitos de isolamento social e solidão: o primeiro se refere objetivamente à ausência de convívio e interação com outras pessoas; o segundo, por sua vez, é sensação subjetiva de falta de suporte social, que pode ser manifestada ainda que não haja um contexto de isolamento social (Balki; Hayes; Holland, 2022; Chen; Schulz, 2016).

A exagerada imersão do sujeito no universo digital é passível de preocupação quando se trata do assunto em todas as faixas etárias. O uso abusivo pode acarretar um isolamento paradoxal através de reações de reclusão, impactando no âmbito psicológico, e gradativamente ocupando espaços que previamente se destinavam à presença física, substituindo-a. Essa ideia é reforçada por Turkle:

Estamos cada vez mais conectados uns aos outros, mas de maneiras que muitas vezes nos deixam mais sozinhos. As tecnologias digitais nos permitem estar em contato constante, mas também nos oferecem uma maneira de evitar a verdadeira intimidade. (Turkle 2011, p.11):

Da mesma forma, Sherry Turkle (2011) analisa que, nas interações mediadas pela tecnologia, as pessoas “esperam mais da tecnologia e menos umas das outras”, favorecendo a sensação de conexão contínua, mas superficial.

Segundo Balki, Hayes e Holland (2022), a tecnologia é eficaz para fortalecer laços existentes (ex: videochamadas com netos), mas a evidência de que ela ajude a criar novos relacionamentos é frágil.

Ademais, discutindo especificamente a participação em redes sociais, Chen e Schulz (2016) pontuam que a falta de reciprocidade nas interações pode aumentar o sentimento de isolamento em idosos.

A ambivalência de efeitos da tecnologia na dimensão social e emocional requer atenção, considerando que, diante de cada indivíduo, não é possível prever com precisão qual efeito será preponderante, uma vez que tal repercussão será intrinsecamente ligada a fatores pertencentes ao contexto único de cada pessoa. Porém, considerando que alguns fatores de significativo impacto emocional como viuvez, perda de amigos e parentes e redução de mobilidade estão frequentemente presentes na população idosa, os riscos de amplificação de sintomas depressivos e reclusão social merecem especial vigilância.

4.3. Vulnerabilidade em saúde

A vulnerabilidade informacional previamente discutida tem estreita correlação com consequências no âmbito da saúde. Como observado por Hu; Jin; Zhang (2026) em revisão sistemática, a desordem informacional constitui mais do que um problema de comunicação, porque atinge a esfera da saúde pública.

O estudo elencou cinco aspectos que influenciam, ainda que de forma heterogênea, a relação do idoso com conteúdo de saúde veiculado online, sendo estes:

características demográficas, habilidade cognitiva para processamento de informações, letramento digital e em saúde, padrões de exposição às mídias e estado psicológico do indivíduo.

O letramento se mostrou relevante, porém não foi fator suficientemente determinante para assegurar proteção. Inclusive, foi observado que, paradoxalmente, alguns idosos com maior letramento digital e de saúde podem ser mais propensos a endossar teorias de conspiração que circulam na internet. Estados emocionais de maior ansiedade foram possivelmente associados a maior risco de desinformação, mas não foi possível estabelecer uma correlação consistente e linear.

Apesar de a suscetibilidade às informações digitais sobre saúde permear todos os grupos etários com acesso tecnológico, as consequências têm maior potencial de causar deterioração significativa em idosos, visto que estes possuem mais frequentemente agravos de saúde. Dentre as implicações deletérias citadas, destaca-se a chance de uso de substâncias nocivas por influência digital, a redução na adesão aos tratamentos prescritos por médicos assistentes por desconfiança alimentada por teorias pseudocientíficas, a redução da cobertura vacinal e a maior hesitação na busca por avaliação médica.

Outra questão que merece menção é o aumento do sedentarismo e impactos em mobilidade. Segundo o estudo de Santos, Moreto e Gresik (2025), o uso de telefone móvel entre adultos está associado a uma redução na prática de atividades físicas e ao aumento do tempo gasto em comportamentos sedentários, o que aumenta preocupações com a perda de massa muscular e redução de mobilidade. Essa tendência possivelmente justifica-se por substituição de atividades outrora presenciais (pagamentos, compras, encontros sociais) e tempo de tela propriamente dito, que frequentemente está associado à postura deitada, com total repouso corporal.

4.4. Vulnerabilidade patrimonial e financeira

Idosos se destacam como vítimas recorrentes de delitos virtuais (SERRA et al., 2025) e, frequentemente, enfrentam consequências psicológicas severas, como ansiedade e depressão, provocadas pela perda de dinheiro ou pela violação de sua privacidade (ALMEIDA; LEMOS, 2024).

Diante de números alarmantes relacionados à violência patrimonial e financeira contra a pessoa idosa registrados no Brasil em 2023, o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, por intermédio da Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa, elaborou e divulgou a “Cartilha de Apoio à Pessoa Idosa: enfrentamento à violência patrimonial e financeira”, com a proposta de esclarecer esses conceitos e informar sobre tipos frequentes de golpes, objetivando conscientização e capacitação da população. O documento é voltado para diversos cenários em que essa violência é praticada, não se restringindo apenas ao ambiente virtual, e demonstra como alguns recursos são utilizados com a finalidade de usurpação. Dentre os exemplos citados, figuram: a manipulação emocional (ex: “golpe do falso namorado”), criação de sites falsos, a utilização de informações burocráticas e complexas para confundir o indivíduo, a invasão de privacidade em redes sociais para acesso a informações pessoais e círculos de convívio (BRASIL, 2024).

O impacto financeiro de fraudes virtuais pode comprometer despesas básicas como alimentação, medicamentos e moradia, já que parcela expressiva de longevos depende de renda fixa de aposentadorias ou benefícios sociais. Além disso, a dificuldade em recuperar os valores perdidos, somada à burocracia para denunciar e buscar reparação, agrava a situação e pode gerar dependência financeira de familiares, perda de confiança em instituições e retraimento no uso de tecnologias, perpetuando um ciclo de vulnerabilidade e exclusão (ALMEIDA; LEMOS, 2024).

A dimensão desses impactos justifica a necessidade de suporte técnico contínuo e de mecanismos eficazes de prevenção contra crimes cibernéticos, colaborando para um ambiente digital mais seguro e acessível para esse público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os riscos e danos aos quais os idosos estão suscetíveis demonstram a urgência de haver um olhar atento às demandas desse grupo populacional, partindo da compreensão de que não é suficiente considerar as estatísticas crescentes do uso digital como parâmetros de inclusão concreta.

Discutir os desafios frente às vulnerabilidades digitais da pessoa idosa é passo importante para fomentar organização social e política, especialmente porque tais riscos não se restringem a eventos isolados ou exclusivamente ao ambiente virtual, mas repercutem concretamente sobre autonomia, segurança, saúde, relações interpessoais e participação cidadã. Reconhecer essa complexidade permite deslocar a discussão da simples ampliação de acesso tecnológico para a necessidade de estratégias mais amplas de proteção, educação e suporte, compatíveis com as demandas específicas desse grupo populacional.

A promoção de envelhecimento digno é uma responsabilidade social e política. A inclusão social desse grupo etário é um passo importante porque pode funcionar como elemento de mediação, favorecendo a inclusão digital, uma vez que contribui para percepção de estímulos, motivação e senso de propósito para o aprendizado tecnológico.

A efetiva inclusão social, o planejamento e a capacitação adequados constituem elementos fundamentais em direção a uma visão multidimensional de saúde e qualidade de vida. Cabe aos governos, instituições e plataformas digitais a criação de medidas que viabilizem a promoção de um ambiente virtual seguro, democrático, participativo, e mitiguem problemas já mapeados, permitindo que as vantagens de seu uso possam ser preponderantes. A acessibilidade digital, quando não acompanhada de criticidade e autonomia, não configura cidadania efetiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gregório Assagra de; LEMOS, Laís Machado Porto. A vulnerabilidade informacional e tecnológica na era digital: análise dos desafios enfrentados pelos idosos. **Anais do Congresso Brasileiro de Processo Coletivo e Cidadania**, n. 12, p. 726–751, out. 2024. ISSN 2358-1557. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/cbpcc/article/view/3558/2578> Acesso em: 8 nov. 2025.

BALKI, Eric; HAYES, Niall; HOLLAND, Carol. Effectiveness of Technology Interventions in Addressing Social Isolation, Connectedness, and Loneliness in Older Adults: Systematic Umbrella Review. **JMIR Aging**, v. 5, n. 4, e40125, out. 2022. DOI: 10.2196/40125.

BRASHIER, Nadia M.; SCHACTER, Daniel L. Aging in an Era of Fake News. **Current Directions in Psychological Science**, v. 29, n. 3, p. 316–323, jun. 2020. DOI: 10.1177/0963721420915872.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa. **Cartilha de Apoio à Pessoa Idosa: enfrentamento à violência patrimonial e financeira**. Brasília, DF: MDHC, 2024. Disponível em: [https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/pessoa-idosa/publicacoes/Cartilha da Violencia Patrimonial SDDPI Outubro2024.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/pessoa-idosa/publicacoes/Cartilha_da_Violencia_Patrimonial_SDDPI_Outubro2024.pdf). Acesso em: 18 mai. 2026.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (CETIC.br). *TIC Domicílios 2024: pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros*. São Paulo: **Comitê Gestor da Internet no Brasil**, 2025. Disponível em: https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/pt-br/20251027170648/tic_domicilios_2024_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 05 maio 2026.

CHEN, Yi-Ru Regina; SCHULZ, Peter J. The Effect of Information Communication Technology Interventions on Reducing Social Isolation in the Elderly: A Systematic Review. **Journal of Medical Internet Research**, v. 18, n. 1, p. e18, jan. 2016. DOI: 10.2196/jmir.4596.

GRINBERG, Nir; JOSEPH, Kenneth; FRIEDLAND, Lisa; SWIRE-THOMPSON, Briony; LAZER, David. Fake news on Twitter during the 2016 U.S. presidential election. **Science**, Washington, v. 363, n. 6425, p. 374–378, 2019. DOI: 10.1126/science.aau2706.

GUESS, Andrew; NAGLER, Jonathan; TUCKER, Joshua. Less than you think: prevalence and predictors of fake news dissemination on Facebook. **Science Advances**, Washington, v. 5, n. 1, eaau4586, 2019. DOI: 10.1126/sciadv.aau4586.

HU, Hongchao; JIN, Guangyao; ZHANG, Xiaomeng. Older adults and online health misinformation: a systematic literature review. **BMC Psychology**, [S. l.], 2026. DOI: **10.1186/s40359-026-04714-z**.

SANTOS, J. R. G.; MORETO, V.; GRESIK, K. R. C. O uso do smartphone (celular) e a relação com a sarcopenia em adultos: revisão integrativa. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 11, p. 7720–7729, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i11.22516.

SERRA, Francineia Cartaxo da Silva; MOTA, Laucemir Soares da; NOGUEIRA, Thiago Carlos do Carmo; NASCIMENTO, Marcio de Jesus Lima do. A PROTEÇÃO DOS IDOSOS CONTRA CRIMES CIBERNÉTICOS NO BRASIL: DESAFIOS E SOLUÇÕES JURÍDICAS. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 2071–2082, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i3.18570. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18570>. Acesso em: 8 nov. 2026.

SILVA, André Costa da; COSTA, Rodrigo Soares da; COSTA, Janaina Santana da; VALADÃO, Erasmo Baltazar; VALENTIM, Rayane Emanuelle de Oliveira; et al. *Analfabetismo funcional no Brasil: uma análise multidimensional e estratégias para superação*. **Revista Aracê**, São José dos Pinhais, v. 7, n. 9, p. 1–14, 2025. DOI: 10.56238/arev7n9-059.

TEIXEIRA, Ilka Nicéia D'Aquino Oliveira; NERI, Anita Liberalesso. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 81–94, 2008. DOI: 10.1590/S0103-65642008000100010.

TURKLE, Sherry. *Alone Together: why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books, 2011.

UNESCO. Journalism, 'fake news' & disinformation: handbook for journalism education and training. Editores: Cherilyn Ireton e Julie Posetti. Paris: **UNESCO**, 2018. 128 p. (UNESCO Series on Journalism Education). ISBN: 978-92-3-100281-6. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000265552>. Acesso em: 17 mai. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *World Report on Ageing and Health*. Geneva: **World Health Organization**, 2015. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241565042>. Acesso em: 8 nov. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Active Ageing: A Policy Framework*. Geneva: **World Health Organization**, 2002. 59 p. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/67215/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf. Acesso em: 7 nov. 2025.